

Arte como estratégia de inserção global

Cientista político Juan Eyheremendy aponta porque Emirados Árabes investem de forma massiva em cultura

Por Fabio Cypriano¹

No início de 2015, o *Qatar Museum Authority*, adquiriu uma pintura de Paul Gauguin, “*When Will You Marry?*”, de 1892, por nada menos que US\$ 300 milhões, batendo todos os recordes de aquisição para uma única obra na história da arte. O maior valor até então pertencia a esse mesmo pequeno estado do Golfo Pérsico, quando, em 2011, adquiriu outra obra modernista, “*Os jogadores de cartas*”, de Paul Cézanne, por US\$ 250 milhões de dólares.

Notícias sobre arte nos Emirados Árabes costumam vir, de fato, com valores hiperlativos. Em Abu Dhabi, as construções dos museus Guggenheim, projetado por Frank Gehry, e do Louvre, por Jean Nouvel, são estimados em US\$ 800 milhões e US\$ 500 milhões, respectivamente. O que faz com que os Emirados Árabes, afinal, invistam de maneira tão expressiva em arte?

“No começo do século XX não existia nenhum dos países que hoje integram o Oriente Médio, enquanto que os países de América Latina se preparavam para comemorar seus cem anos de história. Os planos culturais implementados pelos países do Golfo são uma estratégia para compensar esse tempo e acelerar esta comunicação”, afirma o cientista político argentino Juan Eyheremendy.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica, crítico de arte, coordenador do curso Arte: História, Crítica e Curadoria da PUC-SP.

Desde 2009, radicado no Brasil para desenvolver projetos com caráter comercial, Eyheremendy usou seu tempo livre para visitar os Emirados Árabes e começou a criar laços com alguns dos principais agentes da região. Atualmente, ele é um dos responsáveis pelo setor de vendas para a América Latina da Galeria Vermelho. Graças a essa imersão no Oriente Médio, Eyheremendy tornou-se um dos maiores especialistas do país na produção daquela região, que tem com um dos destaques a princesa Fahrelnissa Zeid, que emigrou de Istambul a Paris formando parte da *École de Paris*, como o cientista político explica na entrevista a seguir.

Fahrelnissa é um dos destaques da 14a Bienal de Istambul, realizada entre setembro e dezembro de 2015, organizada por Carolyn Christov-Bakargiev. “Eu não tinha ouvido falar de Fahrelnissa até agora, se a conhecesse antes, teria exibido ela na Documenta (13)”, disse a curadora durante a abertura da mostra, referindo-se a exposição de Kassel, da qual também foi responsável, em 2012. A artista será tema de uma grande mostra na *Tate Modern*, em dois anos, o que irá contribuir para aumentar o conhecimento de sua produção.

Leia a seguir, segundo Eyheremendy, o que fez com que os Emirados Árabes usassem a cultura como um fator importante em sua inserção no processo de globalização, que contribui para que artistas desconhecidos no Ocidente como Fahrelnissa passassem a ganhar visibilidade.

140

As monarquias do Golfo são um mistério para grande parte da sociedade ocidental. Qual é o contexto histórico em que a cena cultural na região do Oriente Médio desenvolveu-se?

Para falar da cena cultural e artística das monarquias do Golfo Pérsico, diferentemente de outras regiões, devo começar pelo final, pelo mercado da arte. É que por serem países de recente constituição e ricos em recursos naturais como o petróleo e o gás, o consumo de arte adquire um status de protagonismo. Imersos em uma região com vários conflitos bélicos, os países do golfo são um oásis de estabilidade, estrategicamente localizados, conectando oriente com ocidente. O *boom* financeiro e imobiliário colabora para o crescimento de um mercado de arte, enquanto que a produção artística lentamente se desenvolve graças a as estratégias governamentais e a as correntes migratórias.

Os Emirados Árabes Unidos é um país jovem em uma região milenar. Constituído pela união de sete emirados, em 1971 conseguiu seu status de

Estado Nação Independente graças a um acordo com a Grã-Bretanha. Em meados do século XIX esta área, localizada ao sudeste da península arábica, era um protetorado inglês graças a um acordo conhecido como *Perpetual Maritime Truce*, que reunia os reinos de Abu Dhabi, Ajman, Dubai, Sharjah, Umma ao-Quwain, Ras ao-Khaimah, e Fujairah. Para a Inglaterra era um ponto estratégico para controlar a rota comercial para a Índia.

Seu grande vizinho, Arábia Saudita, já havia se constituído como reino, sob a dinastia familiar dos Al Saud, e se tornava, com o descobrimento do petróleo e sua aliança estratégica com Estados Unidos, uma importante ameaça para os britânicos que temiam que os sauditas se unissem rapidamente às tribos do sudeste da península, pois, dessa forma, eles perderiam o controle da rota comercial e, principalmente, as incalculáveis reservas de petróleo e gás. Depois de quase uma década de negociações entre os sete reinos, e sob a mediação da Inglaterra e a liderança do Sultão Zayed bin Al Nahayan, que seria posteriormente o primeiro presidente do país, se constituem os Emirados Árabes Unidos.

Fruto dessas negociações entre famílias tribais, onde uns se incluíam e outros se excluía, surgiram outros reinos, outras nações como Bahrein, Qatar, Kuwait. Através das relações e do conflito de poder das famílias reais do Golfo Pérsico se entende a realidade política e social. As bilionárias regalias do petróleo e a competição entre estas famílias foi um grande impulso para o desenvolvimento do que hoje vemos como países futuristas e projetos faraônicos. Podemos citar alguns exemplos como o complexo imobiliário *The Palm*, nas ilhas artificiais no meio do mar, ou outro idêntico em Qatar chamado de *The Pearl*; o edifício mais alto do mundo, o *Burj Khalifah*, que recebeu esse nome após as negociações entre Abu Dhabi e Dubai, onde o primeiro cobriu a gigantesca dívida que a crise financeira deixou no emirado de Dubai e, como consequência desse socorro financeiro, o governo de Abu Dhabi pediu que esse edifício emblemático levasse o nome do presidente do país *Khalifah bin Zayed Al Nahyan* ao invés do nome do primeiro ministro e governador de Dubai, *Mohammed bin Rashid Al Maktoum*.

No que hoje conhecemos como Monarquias do Golfo Pérsico e que na atualidade formam o bloco político e econômico chamado de *Gulf Cooperation Council* (GCC), concentravam-se diferentes povos nômades, beduínos, tribos que baseavam sua economia na coleta de pérolas e na pesca. Estas famílias se estendiam ao longo da península arábica viajando pelas rotas comerciais.

Desenvolveram historicamente uma cultura nômade que os impede, de certa forma, implantar uma arquitetura. Os nômades não se moviam de um lugar para o outro carregando pinturas, esculturas ou quadros. As expressões artísticas se assentaram mais na palavra, na poesia, no recital de versos, na caligrafia e na arte islâmica. O islã ocupa todas as dimensões da vida, as representações artísticas podiam ser mal interpretadas como endeusamento a imagens ou figuras. Estas questões foram fundamentais para o desenvolvimento da arte árabe, os tempos foram outros em comparação com outras regiões do mundo e até com seus próprios vizinhos de outras partes do Oriente Médio.

Considerando que as monarquias do Golfo Pérsico são nações jovens, organizadas em plena modernidade, qual foi a estratégia para o desenvolvimento artístico e cultural da região?

Para cada uma dessas nações se criou o desafio estratégico de como substituir a dependência do petróleo em suas economias. Cada um dos emirados árabes assumiu um papel na economia do país. Dubai, por exemplo, se transformou no centro comercial e logístico do país e da região. Seu plano estratégico foi implementado através da construção de um gigantesco aeroporto que se conecta ao mundo inteiro, um porto que facilita as conexões comerciais entre oriente e ocidente e que, por sua vez é a zona franca onde mais de cinco mil empresas internacionais se instalaram. A enorme linha aérea nacional, *Emirates*, e esse aeroporto oferecem aos turistas de todo o mundo um ponto de conexão para qualquer ponto do planeta.

O turismo, em consequência, se transformou em uma parte central da economia dos Emirados Árabes e da região. Para atrair cada vez mais turistas foram desenvolvidos projetos majestosos, shoppings quilométricos, prédios infinitamente altos, um extenso número de cadeias de hotéis, atrações, palestras, eventos esportivos, feiras etc. Abu Dhabi compreendeu a importância do turismo e iniciou um dos projetos turísticos e culturais mais ambiciosos já conhecidos, *Saadiyat Island*, a ilha onde em breve será inaugurado o *Louvre* e *Guggenheim Abu Dhabi*.

A arte forma parte das atrações turísticas e nos Emirados Árabes se distribui entre os três principais emirados. Abu Dhabi, como autoridade, reúne os mais prestigiados museus de arte internacionais. Dubai cumpre sua função de centro comercial e logístico do país dando espaço para o desenvolvimento

do mercado da arte através das galerias de arte, a principal feira de arte do Oriente Médio, a casa de leilões *Christie's*, entre outras instituições e serviços. E finalmente, *Sharjah*, o emirado que antes do descobrimento do petróleo era o mais importante e tradicional, oferece a *Bienal de Sharjah*, o evento artístico de maior transcendência do Golfo Pérsico.

Pessoas de todas as partes do mundo vivem nos Emirados Árabes. A população total é de um pouco mais de oito milhões de habitantes, sendo que apenas 19% nasceram no país. Quase metade dos imigrantes é do sul da Ásia que em sua grande maioria trabalha na construção dos majestosos projetos imobiliários. São muito questionáveis as condições de trabalho desses imigrantes, em sua maioria indianos e paquistaneses, sendo esse um tema muito desconfortável para os emirados.

A maioria das pessoas que se instalam nos Emirados Árabes, o faz em Dubai. Para as empresas internacionais é um ponto estratégico para que seus executivos se instalem em uma cidade que conta com um aeroporto com capacidade de viajar a vários destinos e ainda conseguem realizar negócios em quase todas as partes do mundo num curto período de tempo. Esta classe empresarial consome as principais marcas de todo tipo de produto, famintos por sofisticação, luxo e, em alguns casos prestígio, e se insere no mercado da arte adquirindo obras das galerias e leilões de arte.

Existem diferentes tipos de colecionadores de arte nos Emirados Árabes e no Oriente Médio. Os colecionadores públicos são governos e instituições tais como museus, bem como as coleções de algumas dependências do governo. O próprio escritório do Primeiro Ministro de Dubai conta com uma das coleções mais importantes da região. Entre as privadas, tais como as corporações e instituições privadas, estão as duas mais importantes de todo o Oriente Médio: do libanês *Banco Audi* e *Abraaj Capital*. Esta última corporação é a principal patrocinadora da feira de Dubai que, por sua vez, outorga um importante prêmio de aquisição de arte. Por último, estão as coleções pessoais de colecionadores independentes ou fundações privadas. Dentro desse grupo também encontramos os jovens colecionadores que, sendo algumas centenas, começaram recentemente a comprar obras de arte e contam com coleções de entre cinco e 20 peças.

A irrupção dos Emirados Árabes no mundo da arte tem sido de vital importância para a região, já que movimentou a cena artística do Oriente Médio através de uma plataforma de comercialização e exposição como a que oferecem as feiras de arte, as casas de leilões e os diferentes espaços de exposição. Em 2005, a *Christie's* decidiu se instalar em Dubai e abriu sua casa de leilões no *Dubai International Financial Center* (DIFC) no centro financeiro da cidade, onde também se instalaram algumas galerias de arte. Nesse mesmo ano foi realizada a primeira feira de arte, *Art Dubai*, a mais importante do mundo árabe. Foi graças a esses dois importantes eventos, que neste ano completam seu décimo aniversário, que o circuito de arte começou a tomar impulso e ano após ano ganha maior transcendência.

A contribuição da feira *Art Dubai* pode ser constatada no crescimento das galerias de arte dos Emirados Árabes como também de todo o Oriente Médio. Antes das feiras, as galerias do país estavam distribuídas por diferentes lugares, sendo que isto é algo pouco prático para o incipiente consumidor de arte. Depois da aparição das feiras, as galerias se estabeleceram uma ao lado da outra, em DIFC, por exemplo, ou na área chamada *Al Quoz*, em *Alserkal Avenue*, onde passaram a convergir as principais galerias de arte como *The Third Line*, *Isabelle van den Eynde*, *Ayyam Gallery* e de *Gray Noise*, entre outras. Reunir diversas galerias uma ao lado da outra permite ao espectador comparar e analisar diferentes artistas de forma mais simples. A feira também deu um importante impulso à exposição de arte na região, obtendo consequentemente documentação e investigação, e contribuindo para importantes plataformas de pesquisa como *Ibraaz*, onde os mais prestigiados curadores e investigadores escrevem seus ensaios e onde os estudantes podem nutrir-se de completas análises sobre o desenvolvimento cultural da região. Por outro lado, a *Art Dubai* e as casas de leilões contribuíram na catalogação e na constatação da autenticidade das obras de arte.

Entretanto, estes não foram os primeiros eventos de arte. Desde 1993 acontece a *Bienal de Sharjah*, sendo em 2015 sua duodécima edição. A Bienal cumpre um papel fundamental na arte árabe, islâmica e do Oriente Médio. Ao longo dos anos, ela oferece uma plataforma de discussão artística da região e de todo o mundo, através da *Fundação de Arte de Sharjah*, a qual desenvolve diferentes programas de investigação e estudo, como por exemplo, os *March Meetings*, ciclos

de conversações e pesquisas artísticas que antecedem a Bienal e onde participam profissionais da arte de diferentes partes do mundo. Na última década, a *Bienal de Sharjah* adquiriu um prestígio cada vez maior, graças ao grande esforço realizado por *Sheikha Hoor Al Qasimi*, filha do emir *Sheikh Sultan Bin Mohammed Al Qasimi*. Ela e sua equipe de trabalho lhe outorgaram o profissionalismo que qualquer evento artístico que anseia o nível internacional deve ter.

Como se organiza a produção artística nesses países? E quais são os fatores que influenciam na produção?

Sharjah é o emirado da tradição, está totalmente proibida a venda de álcool e sua economia é quase totalmente dependente de seu vizinho Dubai. No centro da cidade se encontram diferentes tipos de museus e fundações artísticas, instaladas em prédios antigos restaurados ou com arquitetura tradicional. Podemos encontrar instituições como *Sharjah Art Museum*, o Museu Arqueológico, o Museu de Caligrafia, o Museu da Civilização Islâmica, entre outros, e também fundações como a *Barjeel Art Foundation* fundada por *Sheikh Sultan Sooud Al-Qassemi*, que conta com uma rica coleção de arte moderna e contemporânea árabe e que através do seu trabalho fornece uma visão abrangente e muito educativa da história da arte árabe.

Abu Dhabi, o emirado mais extenso, onde se encontra a maior quantidade de reservas petrolíferas e, por isso, é o mais poderoso dos sete emirados, conta também com um expressivo número de colecionadores, mas os privados ou as coleções pessoais são os menores. O protagonista aqui é o governo, que por meio de seus projetos artísticos adquire grandes volumes de obras de arte para constituir suas coleções, que estão em constante construção e procuram realizar uma ligação entre oriente e ocidente reunindo obras de culturas como a árabe, a indiana, a europeia e até a chinesa, adaptando os históricos e gigantes bastidores dos museus internacionais como *Louvre* e *Guggenheim* a novos espaços em Abu Dhabi através da aquisição de obras de vários períodos da história da arte.

O governo de Qatar é o principal competidor de Abu Dhabi na corrida pela compra de arte para encher seus museus em construção. No início de 2015, através de *Qatar Museum Authority*, o governo adquiriu uma obra de Paul Gauguin, “*Nafea Faa Ipoipo (When Will You Marry?)*”, de 1892, por 300 milhões de dólares, sendo esta a maior transação artística da história. Dessa forma o pequeno estado

do Golfo Pérsico bateu seu próprio recorde. Em 2011 havia adquirido um *Paul Cezanne*, “*The Card Players*”, de 1892-93, por 250 milhões de dólares.

O caso catariano é de fato uma grande incógnita, foi implementado um plano muito similar ao dos Emirados Árabes, buscando atrair maior turismo, construindo museus como o Museu de Arte Islâmica que conta com peças arqueológicas e artefatos históricos, o *Museen Mathaf* com uma coleção de arte moderna e contemporânea de cerca de oito mil peças de artistas majoritariamente árabes, e o Museu Nacional de Qatar, desenhado por *Jean Nouvel*, que se espera que seja inaugurado em 2022 para a Copa do Mundo. Mas seu plano estratégico envolve muitas outras áreas: os esportes, o desenvolvimento imobiliário, sendo principal acionista de importantes empresas europeias como *Sainsbury's*, *Harrods*, entre outras. Também criou a rede de notícias árabe *Al Jazeera* que transmite em vários idiomas e cobre os principais eventos esportivos do mundo. Com a ascensão em 2013 do novo rei *Sheikh Tamim bin Hamad bin Khalifa Al Thani*, as prioridades parecem ter mudado e grandes quantidades de recursos que se destinavam à arte e à cultura agora se dirigem aos esportes e ao ambicioso projeto da Copa do Mundo 2022.

O Qatar, já desde algumas décadas atrás, tem se instalado como a *ovelha negra* do GCC devido à sua política exterior, suas alianças com a irmandade muçulmana egípcia, seu papel durante a primavera árabe, o financiamento de diferentes grupos desestabilizadores na região e sua busca em adquirir maior protagonismo internacional, que incomoda e ameaça a estabilidade das outras monarquias do Golfo Pérsico e do Oriente Médio em general.

Os sucessivos conflitos armados que acontecem na região são a causa de grandes correntes migratórias no Oriente Médio que reconfiguram as relações sociais e culturais. A Jordânia é um grande receptor de refugiados palestinos, sírios e iraquianos, por exemplo. Outros destinos escolhidos por esses desabrigados são os países do Golfo e a Europa. Geralmente os que chegam a esses últimos lugares são os que contam com um maior poder aquisitivo e se mudam com objetos de coleção para os seus novos lares. Esta redistribuição do tecido social repercute, sem sombra de dúvidas, na produção artística. Sírios na Europa, iraquianos nos países do Golfo e palestinos na Jordânia trazem um processo de produção artística com uma forte identidade árabe. Mesmo assim, a riquíssima história da região e os intensos conflitos bélicos e políticos, colaboram para a produção artística.

A Europa exerce um papel chave na produção artística do Oriente Médio, como também em suas bases sociais. A história é testemunha dessa influência; a França e a Grã-Bretanha distribuíram-se pela região delimitando suas áreas de influência, e com isso, uma comunicação direta com Paris e Londres. Com o objetivo de promover uma educação moderna e de maior sofisticação, as famílias de maior poder aquisitivo enviaram seus filhos para estudar nas universidades da Europa, e também dos Estados Unidos. Esses árabes na Europa, que logo voltaram aos seus países de origem, trouxeram a visão das tendências no mundo, levaram ao Oriente Médio as novidades sobre as técnicas artísticas, as plataformas de expressão, os assuntos em discussão e os adaptaram para a região. É o caso da princesa *Fabrelnissa Zeid*, que emigrou de Istambul a Paris formando parte da *École de Paris*. Realizou exposições em Nova Iorque, Londres, Paris, e depois se estabeleceu na Jordânia onde fundou o *Fabrelnissa Zeid Royal Institute of Fine Arts*. Esta instituição reuniu estudantes que depois foram fundamentais para a história da arte do Oriente Médio e trouxe uma visão muito mais ampla da arte para a região.

Educação é a chave para o desenvolvimento de uma cena artística. Existe uma estratégia específica para a educação no Golfo Pérsico?

Desde a queda do Império Otomano as universidades da região iniciaram um processo de modernização em contraste aos sistemas anteriores. A influência do islã na educação, as limitações para entender os textos em outros idiomas, a interpretação das influências políticas no contexto de Guerra Fria, os avanços tecnológicos, e alguns outros assuntos, foram temas importantes para estabelecer novas universidades e adaptar as já existentes. É o exemplo da *The American University of Beirut*, a meados do século XIX, ou *The American University of Cairo*, no início do século XX, entre outras.

Nos Emirados Árabes, como nas outras monarquias do Golfo, o desafio era erguer novas instituições de ensino para seus habitantes, tanto para os emiradenses quanto para os estrangeiros, e ao mesmo tempo construir uma plataforma cultural árabe através das poderosas academias educativas internacionais. Por isso, ao longo da região estabeleceram-se instituições de ensino já exitosas em outras partes do mundo como *NYU Abu Dhabi*, *Paris-Sorbonne University Abu Dhabi*, *American University in Dubai*, e em Qatar, *Texas*

A&M University, Universidad da Commonwealth, de Virginia, que desde 1998 oferece programas de arte e desenho. Como no caso do *Louvre* e do *Guggenheim*, parece se repetir a estratégia de se valer das grandes regalias do petróleo para importar modelos institucionais exitosos em outras partes do mundo e adaptá-los para a região. A grande incógnita está em saber qual será o resultado desse experimento nas próximas décadas.

Percebe-se que o papel do Golfo Pérsico está se tornando cada vez mais ativo em relação ao desenvolvimento cultural da região. Como esses novos atores estão inseridos no contexto do Oriente Médio?

O contraste que existe entre as cidades árabes tradicionais como Damasco, Cairo e Bagdá, e as novas e poderosas metrópoles como Doha, Abu Dhabi e Dubai, evidencia um deslocamento do centro das artes e cultura no mundo árabe. Os contrastes, tais como os conflitos civis na Síria e Iraque, as consequências desses conflitos no Líbano, a crise econômica cíclica de Egito, e os ataques terroristas têm contribuído para a deterioração, o saque e o abandono dos museus e coleções tradicionais da região.

Por exemplo, o *Museu de Mosul*, no Iraque, que estava a ponto de reabrir depois de anos de reconstrução, foi destruído no começo de 2015 por membros do grupo radical Estado Islâmico (ISIS) que arrasaram os artefatos do museu e também queimaram os livros da biblioteca de *Mosul*, argumentando que os textos, estátuas e outros objetos, atentavam contra o Islã, promovendo falsas idolatrias. Os vídeos dessas ações angustiam a qualquer pessoa com um mínimo de interesse pela cultura e pelo patrimônio da humanidade. Por outro lado, há quem diga que estas imagens buscam desviar a atenção, visto que por trás desses atos brutais se desenvolve um mercado de arte de obras.

Em resposta a essas atrocidades, o governo do Iraque reabriu as portas do Museu de Bagdá, após 12 anos fechado devido à invasão dos Estados Unidos. Este caso não é o único, no Egito também foi reaberto o Museu de Arte Moderna do Cairo e o Museu *Mahmoud Said*, em Alexandria. Em lugares mais afastados, mas parte do mundo árabe, como Marrocos, foi inaugurado um novo museu dedicado à arte, o *Museu de Arte Moderna e Contemporânea Mohammed VI*. Na capital da Jordânia, *Amman*, a prestigiada instituição artística *Darat Al Funun* continua apresentando exposições e oferecendo uma estrutura educativa para as artes no Oriente Médio.

Na capital do Líbano, Beirute, diferente das cidades do Golfo Pérsico, o governo destina poucos recursos para a construção de instituições culturais. Seu maior aporte é para a preservação e a reabertura do Museu Nacional de Beirute, danificado pela guerra civil. Uma exceção disso foi a reinauguração do *Museu de Sursock*, parcialmente custeado pelo governo, que reabriu este ano graças a uma renovação de \$ 13 milhões e vários anos de reconstrução onde foi ampliado o espaço expositivo para 8.500 metros quadrados. Os fundos foram arrecadados através de diversas doações, assim como dos impostos municipais do governo.

Entretanto, são muitas as instituições artísticas sem fins lucrativos no Líbano, talvez devido à relativa facilidade na obtenção de licenças para a criação de fundações e iniciativas não lucrativas. É o caso da instituição pan-arábica localizada em Beirute, *Arab Image Foundation*, que foi estabelecida em 1997 e tem como objetivo recolher e preservar as imagens procedentes do Oriente Médio e da diáspora árabe. Sua coleção de 600 mil imagens tem crescido recentemente para incluir fotografias da América Latina e da África.

Quais são as perspectivas futuras das monarquias do Golfo Pérsico em uma cena cultural global?

149

A estratégia implantada pelos Emirados Árabes e alguns de seus vizinhos é de caráter integral. Um plano econômico, que é consciente de sua dependência do petróleo e do gás, procura se diversificar para garantir um crescimento para além dos recursos naturais limitados. O aproveitamento de sua localização no mundo é um conector do oriente com o ocidente através de gigantes aeroportos, linhas aéreas que chegam a todas as partes do mundo e se estabelecem como um centro logístico global. Um programa de desenvolvimento social, onde pessoas de todas as partes do mundo convergem, em sua grande maioria de forma temporária, e experimentam a integração entre as diferentes culturas como também um terreno de características muito particulares. E, obviamente, um ambicioso plano urbano e imobiliário para receber e hospedar a um número de habitantes em rápido crescimento.

A cultura árabe e islâmica está presente em todas as dimensões da vida nos estados do Golfo Pérsico. A chegada de novos habitantes e o convite a novas culturas e formas de expressão artística não substituem os costumes locais, mas se adaptam mutuamente. Podemos evidenciar que estas monarquias têm decidido

implementar em seus países modelos já experimentados e de sucesso em outras partes do mundo para importá-los e adaptá-los às suas realidades e objetivos. O conhecido é mais simples de implementar do que as novas iniciativas ainda não conhecidas, e em uma cultura de tanta tradição e com forte identidade, o convite a participar é o caminho para a adaptação.

Os países do Golfo Pérsico, como as outras regiões do Oriente Médio, cumprem um papel chave em relação ao desenvolvimento cultural e artístico do mundo árabe. Eles são o motor econômico e logístico. Seus enormes recursos econômicos lhes oferecem a possibilidade de procurar a excelência convocando profissionais de prestígio internacional. Os mais importantes arquitetos e *designers* constroem instituições artísticas ousadas e vanguardistas; os mais renomados curadores e assessores diagramam as coleções de arte que procuram transcender na história e conectar as civilizações, reposicionando a arte árabe entre os outros tipos de arte.

O desenvolvimento da história da arte nas regiões periféricas como África, América Latina, Oriente Médio etc., compartilham as influências europeias em suas diferentes formações. É por isso que para um latino-americano, por exemplo, o entendimento da arte é, através de um olhar historicista europeu, semelhante aos tempos atrás quando para chegar ao Oriente Médio vindo da América Latina devia-se pegar um voo para alguma capital europeia. Hoje em dia os voos diretos e a globalização da comunicação nos oferecem uma rota direta que, na atualidade, se encontra em pleno processo de entendimento e adaptação. Às vezes julgamos as expressões artísticas do outro lado do mundo sem entender que os processos históricos tiveram tempos diferentes. No começo do século XX não existia nenhum dos países que hoje integram o Oriente Médio, enquanto que os países de América Latina se preparavam para comemorar seus cem anos de história. Os planos culturais implementados pelos países do Golfo são uma estratégia para compensar esse tempo e acelerar esta comunicação, tanto com outras culturas do mundo quanto com o próprio mundo árabe em toda sua extensão.